

DOI 10.22478/ufpb.2317-6725.2026v31.78080

Max Weber, Historiador*Max Weber, Historian*

Antônio de Pádua Bosi

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0733-1780>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Resumo: A contribuição de Max Weber para a História geralmente tem sido abordada no viés da Sociologia de modo que a pesquisa histórica aparece como ilustração para as teorias sociológicas. Neste artigo, procuro explorar as posições de Weber sobre o método na pesquisa da História, o uso de fontes, a relação com o Historicismo Alemão, a problematização do passado a partir do presente e a questão da objetividade na produção do conhecimento. O material examinado é constituído por suas primeiras publicações sobre história, biografias, sua passagem pelos Estados Unidos e a “A Ética Protestante...”. Por fim, discuto como sua proposição metodológica prioriza a cultura como objeto de estudo e recomenda cuidados para evitar que as evidências sejam distorcidas pela imaginação saturada de juízos de valor.

Palavras-chave: Max Weber; História da Historiografia; Historicismo; Positivismo.

Abstract: Max Weber's contribution to History has generally been approached from a sociological perspective, in such a way that historical research appears as an illustration for sociological theories. In this article, I seek to explore Weber's positions on the method of historical research, the use of sources, the relationship with German Historicism, the problematization of the past from the present, and the issue of objectivity in the production of knowledge. The selected material from Weber for analysis consists mainly of his early historical publications: “The History of Commercial Partnerships in the Middle Ages” (1889), “Roman Agrarian History” (1891), his time in the United States, and “The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism” from 1920 and biographies. Finally, I discuss how his methodological proposition prioritizes culture as an object of study and recommends precautions to prevent evidence from being distorted by imagination saturated with value judgments.

Keywords: Max Weber; Historiography; Historicism; Positivism.

Li Max Weber pela primeira vez no final de 1989, na disciplina de Sociologia, no curso de História, na Universidade Federal de Uberlândia. O professor nos deu para ler o capítulo “A Ascese e o Espírito do Capitalismo”, do famoso “A Ética Protestante...”. A sofisticação da tese sobre a formação do capitalismo levou um grupo de alunos a demandarem um curso de verão sobre Weber. Dois sociólogos do Departamento de História e Ciências Sociais da universidade aceitaram o desafio e o curso aconteceu em janeiro de 1991.

Os alunos, cerca de trinta matriculados, permaneceram até o final do curso, embora nem tudo contribuiu para isso. O estilo de Weber para alunos da graduação era pesado, seus textos carregavam uma erudição indigesta, sua abordagem teórica era rotulada de positivista e seu raciocínio multidimensional parecia interminável. Por outro lado, os professores



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

conduziram as aulas com excelente pegada didática, fator que prendeu nossa atenção, ao contrário do que geralmente acontecia em outras disciplinas de História.

Esta experiência aconteceu quando Max Weber, não raras vezes, era classificado como conservador no Brasil. Ao menos foi este o retrato que vi esboçado durante a graduação. Seus estudos dificilmente encontravam lugar na História, e, não raras vezes, ele era estigmatizado de “positivista”, entendendo-se com isso que ele teria uma crença ingênua na neutralidade científica. Quase ninguém poupava críticas aos defeitos de sua obra e quase nada se sabia do seu trabalho. Certa vez o professor de História Moderna incluiu dois capítulos de “A Ética Protestante...” para serem consumidos em seminários a partir de uma interpretação psicanalítica que ele assegurava estar no livro “Sociologia de Max Weber” do comentarista Julien Freund, mas não havia nada disso lá (FREUND, 1993).

Exceto pelo curso de verão, cuja abordagem foi francamente sociológica, Weber não contava com espaço no campo da História. Em outra ocasião, ouvi de uma professora de História, avessa à teoria, uma interpretação do conceito de objetividade de Weber inteiramente filtrada por lentes positivistas. Ficou claro que ele não teria a menor chance contra aquele tipo de enviesamento. Foi então que perguntei o que ela pensava sobre a proposição weberiana de “neutralidade axiológica” e, meio desconcertada, a professora quis saber o que eu entendia por “axiológica”. Naquela hora, os alunos menos informados a respeito de Weber descobriram que ela ignorava o tema sobre o qual falava e fundou-se ali um ditado folclórico que perdurou anos: “- Você já leu Weber ou vai passar vergonha?”.

À época, o acesso aos escritos de Weber em língua portuguesa era modesto. “Economia e Sociedade”, por exemplo, foi publicado em 1991, enquanto a primeira edição espanhola data de 1944. A leitura de Weber não podia ser menos elitizada. Era preciso ter algum domínio sobre as línguas alemã e inglesa e adquirir seus livros por importação. Para quem não podia comprá-los restava o acervo das bibliotecas universitárias e dos professores que se dispunham a emprestá-los para fotocopiá-los. Salvo engano, a primeira coletânea de textos de Weber no Brasil, “Ensaio de Sociologia”, foi publicada em 1967. Depois, vieram a coletânea organizada por Maurício Tragtenberg, publicada em 1974 na coleção “Os Pensadores” e uma seleção de textos organizada por Gabriel Cohn, publicada em 1979.

Diversos motivos difíceis de rastrear vincularam Weber ao positivismo, especialmente a ideia equivocada de que ele concebia a neutralidade como premissa na produção do conhecimento. Esta visão prosperou no final dos anos 1980 e ao longo dos anos 1990. Talvez, o texto mais lido a esse respeito foi “Ideologias e Ciência Social”, embora seu autor tenha feito algumas ressalvas quando ligou Weber ao Positivismo (LÖWY, 1989). Por mais que houvessem bons trabalhos de História no Brasil que se orientaram ou se inspiraram em Weber o estigma permanecia. Antes disso, no campo da História (ou próximo dele), pelo menos três trabalhos que se tornaram clássicos apresentaram algum vínculo teórico com Weber: “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado em 1936, “Os Donos do Poder”, de Raymundo Faoro, publicado em 1958, e “Homens Livres na Ordem Escravocrata”, de Maria Sylvia de Carvalho Franco, defendido como tese de doutorado em 1964 e publicado em 1969. Pela excelente qualidade que mostraram (e ainda mostram), avalizaram Max Weber a partir do uso que fizeram dele. Ainda assim, era bastante incomum encontrar discussões sobre teoria e método do conhecimento histórico que o incluíssem, salvo melhor juízo.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

É verdadeiro que o objetivo de Weber não foi escrever livros de história reconstituindo o passado na sua singularidade e narrativa. Ele preferiu construir modelos teóricos que ajudassem a compreender as dinâmicas das ações e instituições sociais. Entretanto, neste artigo, gostaria de argumentar que Weber realizou pesquisa histórica manejando diferentes tipos de fontes e interrogando criteriosamente a documentação a partir de problemas cuja origem estava no tempo presente e que priorizavam a cultura como porta de entrada para análise das experiências sociais, algo que se encontrava nas concepções historiográficas mais ousadas do início do século XX. Seu estilo pode ser compreendido como um estudo de contrastes, fator que dinamizava a história. Sua narrativa firme e direta é repleta de erudição marcada por fina ironia e sarcasmo. Suas orações, frases e parágrafos parecem intermináveis e, ainda assim, o tom ensaístico apaixonado nos prende ao mesmo tempo em que trai sua intenção de escrever com absoluto recato.

Cabe dizer que não tenho intenção de discutir questões de método e de teoria em Weber. Há excelentes e numerosos trabalhos sobre isso cujo mérito é fomentar uma especialização sobre ele cada vez mais densa e profunda.

Há alguns anos, participei de uma reforma curricular do curso de graduação em História e, tentando arrefecer resistências contra a inclusão de Weber nas discussões historiográficas do século XIX, pesquisei currículos de outras universidades sem encontrar sequer vestígios da sua presença. À época me fiz algumas perguntas retomadas aqui para escrever este artigo: poderíamos ler Weber como se ele fosse um historiador? Ou o seu uso sistemático no campo das Ciências Sociais deixa à História apenas a possibilidade de um diálogo interdisciplinar? Podemos aprender a pesquisar e escrever história com Weber?

Para desenvolver esta proposta, estruturei o artigo em três seções. Na primeira, busco mostrar que a história no trabalho de Weber não teve função meramente ilustrativa, como é característico na Sociologia, mas resulta de investigação sóbria e disciplinada de problemas relacionados ao presente que definem qual será o recorte do passado. Na segunda, discuto como sua noção e olhar para o tempo passado sempre esteve orientado por problemas do tempo presente, como se a vida interrogasse a morte. Na última sessão, abordo sua proposição no que se refere a tomar a cultura como objeto de estudo e os cuidados recomendados para evitar que as evidências sejam decompostas ou substituídas pela imaginação pessoal cheia de valores.

Max Weber, Historiador

Sérgio da Mata destaca que Weber recebeu formação no campo da História desde o Ginásio tendo lido Heródoto, Tucídides, Tito Lívio e Cícero. Sua documentação epistolar revela o gosto por romances históricos e, especialmente, pelos trabalhos dos historiadores Theodor Mommsen, Heinrich von Treitschke e Leopold Von Ranke (MATA, 2011). Não à toa ele é visto como um dos herdeiros do Historicismo alemão. Um caminho para examinar em que medida ele pode ser considerado um historiador, ou para verificar qual foi sua contribuição para o campo da História, reside em rastrear sua formação intelectual e mapear as influências que recebeu. Mas isto tem sido feito com algum sucesso. O que pretendo tentar aqui tem mais relação com seu trabalho empírico e exposição do material de pesquisa do que com o seu aprendizado intelectual. Tentarei sublinhar isso em duas de suas obras iniciais.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Na introdução de “The History of Commercial Partnerships in the Middle Ages”, Lutz Kaelber escreveu que talvez nenhuma obra de Max Weber tenha recebido tão pouca atenção quanto sua tese de doutorado, publicada em 1889, quando ele tinha 25 anos (WEBER, 2003). “A História das Sociedades Comerciais na Idade Média” traz como ideia central que as inovações jurídicas nas cidades medievais, ao separarem a contabilidade e patrimônio da casa e do ofício (tese mais tarde retomada em “Economia e Sociedade”), permitiram a associação de capital e trabalho com “responsabilidade limitada”. Ou seja, os “direitos individuais seriam substituídos por direitos da lei societária. Assim, os credores pessoais de um sócio não poderiam penhorar seus bens. (...) No caso de liquidação, apenas o patrimônio líquido integraria o patrimônio do sócio, a massa falida” (WEBER, 2003, p. 56).

Esta nova regra contratual remodelou as sociedades empreendidas na Europa. Foi a primeira vez que Weber se referiu à racionalização da atividade econômica no âmbito do comércio nas cidades localizadas na parte ocidental do Mediterrâneo, especialmente as cidades da Itália medieval. Denominada *Commenda*, esta nova regra serviu como ferramenta jurídica que facilitou o surgimento de um novo comportamento psicológico voltado ao cálculo e ao planejamento dos negócios. Em essência, se tratava de uma “sociedade anônima” de risco compartilhado que viabilizava o financiamento de uma expedição, isto é, um empreendimento que operava sob a lógica da rentabilidade separada de valores tradicionais ou pessoais.¹

Mas o que também chama atenção no livro é a referência às fontes pesquisadas, prática que é difícil de encontrar fora do universo dos historiadores *stricto sensu*. Weber esclarece ao leitor que o núcleo da documentação consultada dizia respeito às operações de duas famílias de banqueiros (na verdade banqueiros mercantes florentinos), os Alberti e os Peruzzi, ambos habitantes de Florença e vinculados à guilda de comerciantes de tecidos estrangeiros. Despretensioso, ele informa como foi difícil extrair respostas desta documentação: “Não é muito. (...) Ainda assim, encontramos neles fragmentos dos desenvolvimentos aqui esboçados” (WEBER, 2003, p. 160-167). Embora seu método para problematizar as fontes estivesse implícito no livro, ele redigiu um Apêndice onde elaborou uma lista comentada das fontes e dos arquivos onde pesquisou. Weber escrutinou a documentação contábil produzida havia seis séculos e, além de detalhar e explicar os sentidos das informações encontradas, ele explicou como e por que foram registradas. Dois anos antes de defender sua tese, em carta enviada para seu tio Hermann Baumgarten, ele se queixou de dificuldades enfrentadas no trabalho com as fontes, especialmente quando salientou que os registros encontrados nelas não respondia às suas perguntas. Então, com certa ironia, Weber se viu premido a desmontar a resistência erguida pela linguagem contábil.

¹ “O Mercador de Veneza”, escrito entre 1596 e 1598, oferece um retrato de como podia funcionar a *Commenda*. Na peça, Antônio é o *Commendador* clássico. Ele não viaja pessoalmente. Seu capital é distribuído em vários navios que seguem rotas diferentes na expectativa de realizar negócios, mas ele fracassa inteiramente uma vez que seus navios naufragam. Por carta ele desabafa com o amigo Bassânio revelando uma situação financeira desesperadora. Logo no início, antes de falir, Antônio defende a diversificação dos riscos: “Sou grato à minha sorte, mas não confio nunca os meus haveres a um só lugar e a um barco” (SHAKESPEARE, 2010, p. 9). Varnhagen lembra que portugueses e outros europeus utilizavam a *Commenda* para contratar Naus e Caravelas que transportavam o pau Brasil extraído da colônia nos trinta primeiros anos depois da ocupação lusitana.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Tive que ler centenas de coleções de estatutos italianos e espanhóis. Antes, tive que aprender ambas as línguas o suficiente para ler esse material. No caso do espanhol eu levei muito tempo. Ademais, a maior parte estava escrita em dialetos antigos. Fiquei surpreso que alguém possa entender aquilo. Tive muito o que fazer e se os resultados são modestos, e não expressivos, é menos culpa minha do que dos magistrados italianos e espanhóis que não registravam nos estatutos o que me interessava (WEBER, 1995, p. 148).

Para lecionar no ensino superior alemão Weber precisou habilitar-se por meio de um trabalho examinado e aprovado por banca acadêmica. Ele tinha 27 anos quando recebeu o título de Professor Conferencista em 1891. Seu texto foi publicado como livro naquele mesmo ano sob o título de “A História Agrária Romana e sua Importância para o Direito Público e Privado”. Aqui utilizo a edição espanhola “História Agrária Romana” (WEBER, 2008). Menos de dois anos depois, ele ingressou como professor na Universidade de Berlim. No ano seguinte, assumiu cargo efetivo de docente de Economia na Universidade de Freiburg. Depois disso, publicou pesquisa articulada com grupo de pesquisadores e funcionários do governo alemão sobre as condições do trabalho agrícola na Alemanha Oriental. Tal estudo serviu como base para sua crítica aos Junkers. Talvez esteja nele a primeira evidência de que o trabalho acadêmico não se separava dos valores políticos, embora precisasse ser considerado distinto. Marianne Weber observou que tal pesquisa, cujos resultados formaram um relatório de 900 páginas, expressou um problema político que interessava a Weber. Seria seu último trabalho antes do diagnóstico de neurastenia.

A acumulação de capitais nas mãos dos bancos e dos comerciantes atacadistas não devia ser impedida em todo o país porque significava um acréscimo de força para a luta econômica competitiva da Alemanha. Ao contrário disso, uma legislação motivada por princípios moralistas que reprimisse certos tipos de negócios especulativos, em particular (por insistência dos Junkers), o comércio de contratos futuros de trigo, apenas deslocaria o mercado destes produtos para outros países e reforçaria o seu poder financeiro à custa da Alemanha (WEBER, 1995, p. 217-218).

Não seria exagerado afirmar que “A História das Sociedades Comerciais na Idade Média” antecipou questões que comporiam a agenda de Weber como as origens jurídicas do capitalismo moderno, a racionalização dos ofícios, a relação entre cidades e comércio e a contabilidade racional. Talcott Parsons, um dos primeiros divulgadores de Weber em língua inglesa, responsável pela primeira tradução de “A Ética Protestante...” em inglês, observou que seus primeiros trabalhos, especialmente “A História das Sociedades...”, seriam “estudos históricos desconexos com um viés materialista bastante definido” (PARSONS, 1974, p. 503). Parsons não explicou a mudança de viés acadêmico que notou em Weber, mas indicou o primeiro colapso nervoso ocorrido em 1897 como marcador desta quase guinada. De acordo com ele, depois que Weber atravessou três anos de inatividade intelectual teria havido uma reorientação em seu trabalho para (i) o capitalismo moderno, (ii) uma teoria sociológica antimarxista e o (iii) desenvolvimento de uma metodologia para embasar tal teoria (PARSONS, 1974, p. 504). Parsons apresentou esta visão no livro “A Estrutura da Ação



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Social”, publicado em 1937, que se tornou um guia para a leitura de Max Weber. Nele, Parsons salientou a pegada de Weber em teoria e método em detrimento da escrita histórica.

Antes de pautar a relação entre ética religiosa e comportamento econômico, Weber caracterizou o capitalismo moderno a partir de uma condição cultural e ética específica e sustentada na esfera do comércio, da circulação de mercadorias, e não na produção manufatureira e industrial, opondo-se à tese de Marx. Seu esforço de pesquisa documentou a conexão entre as necessidades internas de organização do comércio em seu período de expansão na baixa Idade Média e a criação de instituições jurídicas racionais cuja especificidade potencializou essa expansão e mudou a mentalidade econômica medieval. Por outro lado, historiadores do calibre de Henry Pirenne escreviam a história do “renascimento comercial” na Europa utilizando pouquíssimas fontes primárias, o que contrastava com o volume maior de fontes primárias e secundárias manejadas e citadas por Weber. Dois anos mais velho do que Weber, Pirenne apresentou sua tese mais conhecida sobre o predomínio do comércio e das cidades no desenvolvimento do capitalismo em artigos da década de 1890. Obra póstuma, “História Econômica e Social da Idade Média” foi construída com esta característica. Há sinais claros da influência da Escola Alemã em seu trabalho sobre cidades e comércio, inclusive de Max Weber (KEY; TOLLEBEEK, 2011, p. 37-38).

Lawrence Scaff, biógrafo de Weber, observou que até o final da década de 1880 “pouco se notava que a obra de Weber começou com uma preocupação acerca dos sistemas agrários e de seu papel histórico na ascensão do capitalismo” e que ele, à época, já se perguntava “o que é capitalismo?” e “quando e onde ele começou?” (SCAFF, 1989, p. 36-37). Weber perseguiu este tema com obsessão até a publicação de “A Ética Protestante...”. Ao mesmo tempo, envolveu-se na difícil discussão do futuro da Alemanha no contexto do legado de Bismarck. Criticou solidamente a aristocracia agrária e a jovem burguesia industrial explicando que juntas elas impediam reformas democráticas no Estado Alemão, constringendo qualquer tipo de progresso social nas condições de vida e de trabalho das classes trabalhadoras. Sobre isso, Jan Rehman escreveu que Weber expressou sua hostilidade intelectual e política em relação aos Junkers pela primeira vez no relatório de 900 páginas sobre “As Condições do Trabalho Agrícola na Alemanha Oriental”, finalizado em 1892 (REHMAN, 2013, p. 69).

Victor Strazzeri, em obra recente, destacou importante diferença no campo político entre a geração do pai e do tio de Weber, Hermann Baumgarten, e a geração de Weber. Para os primeiros, a questão dos direitos políticos e sociais dos trabalhadores era marginal para a agenda política da Alemanha, ao passo que, para Weber, se tratava de um ponto crucial para a sociedade e a política. Ainda na condição de professor temporário na Universidade de Berlim, Weber rompeu com a postura patriarcal das gerações anteriores de reformadores sociais burgueses e aristocráticos em relação aos trabalhadores. Strazzeri afirma que, nesse período, Weber desenvolveu uma compreensão sobre “o bem-estar individual como uma função não apenas da situação econômica, mas do acesso aos ‘bens deste mundo’, ou seja, aos bens tangíveis e intangíveis, culturais” (STRAZZERI, 2022, p. 128).

Ao que parece, Weber buscava dialogar com o ponto de vista dos trabalhadores. Ele enxergou neles um tipo de autonomia e ética de classe uma vez que eles “exigiam um padrão de vida decente e uma rede de segurança social que fossem direitos, rejeitando-os caso fossem caridade” (STRAZZERI, 2022, p. 128). A conclusão de Weber qualificava



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

politicamente esta recusa como uma exigência de respeito à sua personalidade intelectual e capacidades morais. Com isso, Weber reconhecia a classe trabalhadora como agente político na Alemanha, postura mais ligada ao marxismo devido à sua relação com os trabalhadores. Ao mesmo tempo, ele criticava a forma que o poder político na Alemanha pós-Bismark havia se consolidado nas mãos dos Junkers possibilitando que eles continuassem no controle da burocracia estatal submetendo-a aos seus interesses econômicos (SCAFF, 1989, p. 66).

Posicionado como liberal, Weber estava à esquerda do establishment alemão e à direita dos socialdemocratas. Mas não era uma posição sectária que o impedia de avaliar cuidadosamente as demais. Além disso, suas leituras sociais e econômicas estavam mais próximas das ideias que dominavam o partido de Kautsky excetuando a revolução. A crítica aos “Estatutos dos Trabalhadores” era um desses pontos. Weber havia investigado a situação do trabalho na Alemanha Oriental, a Leste do Elba, e sabia que ali trabalhadores rurais sem terra e servos domésticos permaneciam sujeitos aos Estatutos cuja função principal era preservar ao máximo possível o regime da servidão. Esta era também a avaliação de Karl Kautsky, líder da socialdemocracia. Tais estatutos davam aos Junkers poder de força policial para buscar, capturar e submeter ao trabalho aqueles que se ausentassem ou fugissem dele. Aliás, este traço mostrava a ambiguidade da reforma conduzida por Bismark cujo marco é 1871. Mas Weber não pareava sua posição com os marxistas. Sem cogitar a revolução, seu limite era a defesa do direito de negociação coletiva para os trabalhadores rurais mostrando a ineficácia das relações patriarcais que sobreviveram à reforma de 1871 que Marx chamou acertadamente de “Via Prussiana” em “O 18 Brumário”.

Ainda a respeito da pesquisa de 1892, o acesso de Weber aos relatórios dos Junkers enviados para suas próprias associações (Verein) permitiu a ele entender que o avanço da remuneração monetária expressava uma crescente impessoalidade da relação entre trabalhador e empregador à medida que o trabalho assalariado (ou o pagamento em quantias fixas de bens) perturbava a “comunidade de interesses” baseada nas relações patriarcais (STRAZZERI, 2022, p. 144-145). Esta experiência de algum modo antecipava a oposição entre tradicional e moderno que alicerçaria dois dos principais tipos ideais formulados por ele. O contraste seria procurado cada vez mais na esfera da cultura, identificando valores morais e éticas específicas que animariam práticas econômicas e modos de vida. Assim, de um ponto de vista histórico, pode-se dizer que os recortes feitos por ele sobre o tempo passado seriam orientados por problemas vividos no presente.

O período seguinte, entre 1897 e 1903, foi marcado pelo adoecimento mental de Weber. Uma enorme carga de trabalho associada à sua incomum atividade intelectual (acadêmica e política) comprometeram sua saúde. Marianne Weber escreveu que seu marido simplesmente desmoronou. À época, a nosologia do colapso psicológico sofrido por Weber atendia pelo nome de Neurastenia. Ao sumariar a etiologia desse colapso que mudaria a vida de Weber, Scaff mencionou “uma série de fatores sociais e psíquicos complexos, incluindo excesso de trabalho e exaustão, graves conflitos não resolvidos dentro da família e fortes tensões libidinais categorizadas sob o título de ‘neurastenia’ nos diagnósticos da época” (SCAFF, 2011, p. 3). Não houve cura, restando a Weber conviver com um estado de melancolia flutuante. Joachim Radkau detalha esse processo (RADKAU, 2009, p. 145-178).

O retorno ao trabalho entre 1902 e 1903 foi turbulento, lento e improdutivo, principalmente porque ele enfrentou limitações para realizar pesquisa. Seu raciocínio ainda



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

se mostrava moroso e descoordenado. Weber voltou sua atenção para os fundamentos da Escola Histórica Alemã de Economia Política, resultando disso um ensaio pouco generoso e quase ilegível, chamado por ele de “fragmento”, que levaria três anos e ficaria sem conclusão. Scaff observou que tal esforço deu a Weber a oportunidade de aniquilar os fundadores da escola científica com a qual ele mais se identificava, uma espécie de parricídio (SCAFF, 1989, p. 75). Marianne, referindo-se a esse período de recuperação, escreveu que “o seu estado de saúde oscilava de um dia para o outro. Seu humor e seu estado geral estavam muito piores” (WEBER, 1995, p. 269).

Contudo, interessa saber o que corria paralelamente a isso. Em 1903, Weber retomava o problema do surgimento do capitalismo. Durante sua estadia nos Estados Unidos, em 1904, Weber apresentaria uma palestra no Congresso de Artes e Ciências na Exposição Universal de St. Louis, publicada dois anos depois sob o título de “Capitalismo e Sociedade Rural na Alemanha”. Na prática, ele desenvolveu uma aula de história comparada sobre o desenvolvimento do capitalismo na Alemanha e nos Estados Unidos (WEBER, 1982). Desse modo, foi escrevendo sobre história que ele recobrou temporariamente sua capacidade de trabalho.

O Tempo Presente como Problema

No final de 1903, Weber foi convidado a participar do Congresso de Artes e Ciências no Missouri organizado pelo psicólogo Hugo Münsterberg, um dos fundadores da psicologia industrial. Marianne anotou que a remuneração oferecida era considerável. O evento contou com 32 intelectuais alemães, entre eles Ernst Troeltsch, Adolf Harnack, Karl Lamprecht, Ferdinand Tönnies e Werner Sombart. Eles formaram o maior grupo na lista de palestrantes estrangeiros (REHMAN, 2013, p. 17). A maioria dos biógrafos de Weber que discutem sua viagem para os Estados Unidos sugere que o Congresso suscitou menos aprendizado para ele do que o restante do passeio. O lastro que levou a esta conclusão também partiu dos relatos de Marianne. Não à toa ela descreveu a permanência nos Estados Unidos dentro do subcapítulo “A Nova Fase”. A Ponte do Brooklyn foi o primeiro ponto de parada destacado na biografia.

Quando se caminha pela passarela da ponte às seis horas da tarde, trens passam correndo de ambos os lados em intervalos de um quarto de minuto. Ainda mais próximos de ambos os lados da ponte tem os bondes, com apenas alguns metros entre eles, todos abarrotados de pessoas que em parte pendurados neles. Há um rugido constante e um assobio. O chocalhar dos trens é marcado pelo apito dos grandes barcos a vapor bem lá embaixo. Junta-se a isso a magnífica vista das fortalezas do capital na ponta sul da ilha em que a City de Nova York (Manhattan) está localizada, nada mais que torres como podem ser vistas nas antigas imagens de Bolonha e Florença, cercadas por toda parte pelas nuvens de vapor leves dos elevadores de carga (WEBER, 1995, p. 287).

Os demais trechos escritos por Marianne apresentam o mesmo tipo de fascínio do marido pelas cidades e modos de vida e de trabalho americanos. A comparação de Nova York com Bolonha e Florença é também a comparação entre duas épocas de prosperidade. As duas últimas figuram em sua “História das Sociedades Comerciais na Idade Média”, de 1889,



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

na condição de centros comerciais dinâmicos. No início do século XX, Weber sugere que o eixo principal do capitalismo havia se deslocado para os Estados Unidos. Na apresentação de “The City”, ensaio elaborado entre 1911 e 1913, Martindale e Neuwirth apontam que a argumentação de Weber em favor da dinamicidade econômica e cultural nas grandes cidades americanas salientava sua jovialidade e o que isso trazia de positivo à medida que nasciam isoladas das tradições locais europeias (WEBER, 1958, p.11).

Por outro lado, a expressão do capitalismo nas cidades americanas que Weber visitou vez ou outra era interpretada de maneira ambígua. Chicago, cidade que se tornaria mais tarde o laboratório dos sociólogos americanos influenciados por George Simmel, fez Weber pendular quando escreveu suas impressões.

Chicago é uma das cidades mais incríveis. Junto ao lago há alguns bairros residenciais confortáveis e bonitos, sobretudo com casas de pedra de estilo muito pesado e desajeitado, e logo atrás deles há casinhas velhas de madeira como as que se encontram em Helgoland [arquipélago e município alemão]. Depois vêm os tenements [cortiços] dos trabalhadores situados em ruas absurdamente sujas, que não são pavimentadas, ou são cobertas com um miserável calçamento de paralelepípedo fora dos melhores bairros residenciais. No centro, entre os arranha-céus, o estado das ruas é de arrepiar (WEBER, 1995, p. 290).

Weber se surpreende com a pluralidade de nacionalidades e a subalternização de europeus aos nativos: “pelas ruas, os gregos engraxam os sapatos dos Yankees por 5 centavos. Os alemães são seus garçons, os irlandeses se encarregam da política e os italianos escavam suas valas mais sujas”. Weber continua: “Com exceção dos melhores bairros, toda a cidade é como um homem cuja pele foi arrancada e cujos intestinos são vistos em funcionamento. Pode-se ver tudo. À noite, numa rua lateral na cidade, as prostitutas são colocadas numa vitrine com luz elétrica e os preços são exibidos!” (WEBER, 1995, p. 290-291).

O nível de mercantilização das relações sociais na América impressiona Weber, e isso ajuda a explicar por que seus passeios lhe renderam mais material de reflexão do que o “Congresso de Artes e Ciências” e as pesquisas realizadas nos acervos das bibliotecas da Columbia University, University of Chicago, Johns Hopkins University, Harvard University e Brown University. É possível que os Cultos que assistiu nas igrejas protestantes tenham fortalecido a tese sobre a relação entre ética religiosa e comportamento econômico. Sua lista de visitas incluiu metodistas, batistas, quakers e presbiterianos.

Weber processou esse traço específico da sociedade americana ambigualmente e o resultado dessa experiência se expressou na construção de “A Ética Protestante...”. Scaff mapeou a presença da viagem à América na segunda parte de “A Ética Protestante...”, a parte publicada inicialmente em formato de artigo, em 1905. Fosse no miolo do texto ou nas notas de rodapé, Scaff encontrou referências diretas e indiretas de Weber ao caráter emocional do metodismo “americano”, à secularização da vida americana, às universidades, ao pragmatismo de William James, à teoria do empresariado de Veblen e à citação do “dever profissional” do negociante de secos e molhados em Ohio que opõe a rotina complacente de trabalho do imigrante alemão à rotina frugal e laboriosa de seu sogro americano (SCAFF, 2011, p. 186).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Mas com seus 75 mil dólares por ano o velho não podia se aposentar? Não! Ainda precisa alargar a fachada do armazém em quatrocentos pés. Por que? *That beats everything*, diz ele. De noite, quando a mulher e as filhas fazem a leitura comum, ele almeja ir o quanto antes para a cama. No domingo, consulta o relógio a cada cinco minutos para ver se o dia de descanso acaba logo: que vida mais perdida! (WEBER, 1989, p. 224).

De fato, esta é uma amostra curiosa da experiência que Weber articulou com o desenvolvimento da ética protestante na Europa e o componente racionalizante da economia capitalista tipicamente moderna, ou seja, a economia americana. Sobre Chicago, Marianne sumariou o impacto causado no marido. Ele chamou a cidade de “monstruosa”. Para Weber, mais do que Nova York, Chicago representaria “a cristalização do espírito americano”. Ele exemplificou isso destacando o que denominou de “contrastes”:

(...) a ostentosa riqueza recente exibida em suntuosos edifícios de mármore e bronze dourado; a pobreza desleixada que os encarava através dos vidros opacos das janelas e dos corredores sujos e escuros de ruas intermináveis e desoladas; uma população mista de todas as raças e continentes em constante fluxo; uma busca desenfreada por riquezas; um desperdício humano que imprudentemente colocava em risco a vida de milhares todos os dias (WEBER, 1995, p. 289-290).

Weber visitou ao menos uma planta de frigorífico em Chicago, pouco depois do término de uma das maiores greves na história do setor. O que ele viu e descreveu se assemelha à conhecida dramatização de Upton Sinclair no romance “The Jungle”, publicado em 1906. Ambos traduziram o tipo de racionalização da produção e do trabalho que ganharia fama com o desenho da planta industrial de Henry Ford, a mesma que estruturou sua primeira linha de montagem, em Michigan, inaugurada em 1913. Da desmontagem de bois e porcos à montagem de automóveis.

Weber ficou estupefato com o “oceano de sangue” nos matadouros. Em seguida, ele descreveu o que viu: “Depois de abatido o boi com um martelo, ele é imediatamente agarrado por uma braçadeira de ferro, içado e levado através de uma linha de desmontagem acima das cabeças dos trabalhadores que o evisceram, esfolam, cortam, mas sempre no ritmo da máquina que puxa o animal” (WEBER, 1995, p. 287). Alguns dias depois, em Washington, ele conheceu Samuel Gumpers, presidente da American Federation of Labor (AFL), entidade à qual a Amalgamated Meat Cutters and Butcher Workmen of North America (sindicato que representava trabalhadores de frigoríficos) era ligada (BRODY, 1964, p. 34-58). Gumpers tentou responder as dúvidas de Weber que, conforme Marianne, destacou o fracasso da greve e o papel de fura-greves italianos e negros. Nos frigoríficos de Chicago, aproximadamente 60% da força de trabalho era imigrante. O próprio Gumpers era inglês e veio para os Estados Unidos ainda adolescente com a família. Mas Weber ainda não sabia como articular essas pontas.

As imagens que assustaram Weber também perturbaram escritores como Sinclair, Jack London, Theodore Dreiser e Henry Adams, cujos romances retrataram o capitalismo americano das grandes corporações, dos trustes e oligopólios com tons cinzentos e desoladores. O mote principal era a exploração desmedida do trabalho, a fome, a miséria, a



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

ausência de futuro, um processo de desumanização que podia ser conjugado com as noções de Weber acerca da razão irracional e do desencantamento do mundo. Mas os subtextos desses romancistas iam mais longe que Weber e diziam (ou captavam) algo mais sutil e penetrante da experiência americana cuja força estava redefinindo as formas de pensar e de sentir da sociedade forjando crenças nucleares que endossavam a competição, a resiliência no ambiente social e o exílio emocional para sobreviver. Neste contexto, a propagação de um tipo de voluntarismo obsessivo do self-made man ajudava a formatar esse novo homem que Marx, meio século antes de Weber, definiu como uma criatura oprimida, sem coração, o espelho sombrio do espírito capitalista (MARX, 1982, p. 106).

Em “A Ética Protestante...” Weber escolheu Goethe para aludir aos desdobramentos do processo de desencantamento do mundo e a eleição “da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série através da máquina que atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo indivíduo nascido sob este sistema” (WEBER, 1989, p. 130-131). O novo mundo visto por Weber, implicava renunciarmos ao homem universal cultivado por Goethe, seu “Fausto” espelhado na cultura ateniense do Mundo Antigo e no projeto de um homem completo e, por isso, capaz de abraçar a plenitude da existência. Aqui não interessa muito descobrir se essa ideia de homem seria possível ou não, mas se trata de saber o que o capitalismo subtrairia da experiência humana à medida que se tornava um destino universal. Conhecemos as palavras mais célebres de Weber sobre isso. A riqueza material vista como sinal de graça se tornaria ela mesma uma “prisão de ferro” e cada indivíduo seu próprio carcereiro (WEBER, 1989, p.130-131).

No final da vida, quando Weber preparava a segunda versão de “A Ética Protestante...”, seu tipo ideal do capitalismo moderno estava escorado empiricamente nas condições históricas dos Estados Unidos que ele conheceu pessoalmente. Embora tenha suscitado que a origem do capitalismo moderno estava no comércio das cidades medievais italianas, restava claro que a empresa capitalista racional e a cultura a ela correspondente tiveram a América como estufa. Lá, ambas cresceram exuberantes, sem travar graves confrontos contra relações baseadas em compromissos, costumes e dependências pessoais, fatores típicos da mentalidade medieval. De qualquer modo, o exame detalhado e cuidadoso sobre as empresas da baixa Idade Média, seu funcionamento, a constituição de sociedades, seus métodos de escrituração contábil e a relação entre capital e trabalho, realizado em seu primeiro estudo “A História das Sociedades Comerciais na Idade Média” (WEBER, 2003), deu-lhe o impulso e as condições iniciais para construir o que viria a ser sua obra prima. Embora morto precocemente, ele atou estas pontas de seu trabalho. Lawrence Scaff escreveu que depois de concluir “A Ética Protestante...” Weber sugeriu que havia dado uma contribuição à história cultural e escrito como um historiador da cultura (SCAFF, 2011, p. 187).

Um Método para Pesquisa Histórica

Pode-se afirmar que o aprendizado de Weber em História se deu nos domínios da Escola Histórica Alemã, em contexto que não havia limites rígidos entre as disciplinas, não como hoje. A História, igualmente à Sociologia e à Antropologia, buscava se distanciar da Filosofia e definir uma metodologia de pesquisa que lhe desse autonomia, independência e uma identidade própria. Leopoldo Von Ranke esteve entre os primeiros que tentaram fincar



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

fronteiras e delimitar os domínios da História construindo métodos de investigação objetivos e acurados. Sua noção de ciência histórica postulava a sistematização da pesquisa, a ausência da primeira pessoa na exposição e a busca incessante da objetividade (GAY, 1990, p. 70).

Em tom de manifesto, ele diferenciou a História da Política. A primeira deveria “verificar como ocorreram os êxitos e como eram os homens do passado guardando a memória disso para todos os tempos. A política, ao contrário, é tudo, e por tudo, ação” (RANKE, 1948, p. 514-515). Em “Sobre as afinidades e as diferenças existentes entre a História e a Política”, Ranke apresentou uma exposição dos princípios historiográficos do Historicismo do século XIX. Ele propôs fazer uma ciência do passado estabelecendo regras de procedimento com ênfase para a objetividade do conhecimento. Por princípio, o historiador precisaria cultivar a separação entre ele e seu objeto de estudo, além de conceber a História enquanto disciplina que operava expressamente a partir de fontes, diferente do método especulativo da Filosofia. De certo modo, Max Weber também concordava em arrastar o conhecimento histórico e social para fora da política, das opiniões apaixonadas e do senso comum.

Georg Iggers considerou que a exposição de Ranke foi a mais sistemática e coerente do Historicismo Alemão no século XIX. Em resumo, as instituições políticas e sociais não deveriam ser abordadas de uma perspectiva teórica abstrata, mas a partir de sua existência concreta desde que tratada metodologicamente (IGGERS, 1968, p. 70). Sabemos hoje que Ranke não conseguiu efetivar esta separação em grande parte do seu trabalho. É o caso de seu texto sobre a Reforma Protestante, onde a boa vontade demonstrada com as posições de Lutero contrasta com uma aversão às ideias e proposições revolucionárias de Thomas Münzer.

De qualquer modo, o Historicismo alemão encorpou depois de Ranke. A maioria dos historiadores alemães identificados com o Historicismo escreveram trabalhos alinhados às preocupações com o método histórico desdobrado na heurística, crítica e interpretação (como o definiu claramente Droysen) e mantiveram de pé o propósito de a História sustentar-se de modo autônomo e independente, com teoria e metodologia próprias face outras áreas do conhecimento. Contudo, se distanciaram da ideia de imparcialidade tão cara a Ranke.

A geração de Max Weber herdou o espólio do Historicismo com seus avanços e defeitos. O que havia de mais importante neste pecúlio chegou à Weber na forma de problema: a construção de um estatuto metodológico que assegurasse a objetividade do conhecimento histórico. O primeiro fator encarado na equação weberiana dizia respeito à produção de um conhecimento cujo material de pesquisa e evidências não fossem corrompidos pela força da opinião, do desejo nem do compromisso político. A rigor, Ranke acreditou que a objetividade dependia de desalojar a subjetividade do trabalho do historiador. Weber não. Quando ele iniciou sua formação universitária nos anos 1880, o entendimento de que a documentação histórica precisava de crivo oficial para ser validada, e que este seria seu estatuto de neutralidade, estava sendo fortemente questionado. Ganhava espaço a ideia de que toda fonte tinha autoria e seria repleta de subjetividade, na sua forma e no conteúdo. Esta compreensão já estava presente, por exemplo, na análise que Weber fez, em 1889, dos registros contábeis dos bancos e comércio das famílias Alberti e Peruzzi, na Florença medieval. Mas, sabidamente, os progressos mais conhecidos vinham da França, com Marc



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Bloch e Lucien Febvre, críticos mordazes de uma parte da concepção metodológica de seus antigos professores, Charles Langlois e Charles Seignobos (1946).

Diferentemente da tradição inaugurada por Ranke, Weber reconhecia a subjetividade como componente inalienável da história e da consciência moral e ética dos indivíduos, de modo que ele considerava que as decisões de homens e de mulheres estavam referidas a sistemas de valores. A investigação histórica objetiva não necessitava eliminar a subjetividade, mas precisava coibir preconceitos pessoais e julgamentos de valor que distorcessem documentos, provas e evidências. Sua defesa da objetividade previa remover os procedimentos da pesquisa do domínio do irracional e colocá-las no domínio das evidências (ANTONI, 1959, p. 144). Desse modo, Weber esperava proteger o material de pesquisa de incursões valorativas pessoais, o que ele chamou de “neutralidade axiológica”. Na fase de investigação e exposição, ele buscava separar as constatações, que podiam ser comprovadas, de seus juízos de valor, preferências ou ideais. Em suma, distinguir a realidade como ela é do que gostaríamos que ela fosse. Sua proposição desatava a História de estilos e discursos ficcionais.

A melhor apresentação dessa proposição foi publicada em 1904, com o título “A ‘Objetividade’ do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política” (WEBER, 2022). Neste texto, Weber explica que estudar a História corresponde a estudar a Cultura, e que isso não podia ser “deduzido de qualquer sistema de conceitos de leis, por mais perfeito que seja, como também não podem ser justificados nem explicados por ele, dado que pressupõem a relação dos fenômenos culturais com ideias de valor” (WEBER, 1991, p. 92). Antes de ser uma ideia ou um conceito, cultura era uma realidade empírica decifrada a partir dos valores que davam sentido a ela. Ela só passa a ser um dado objetivo dentro da pesquisa histórica à medida que sua (ou suas) subjetividade(s) forem identificadas e examinadas. Portanto, o que se denomina por fato histórico é esclarecido a partir de sua significação cultural de modo que todo fenômeno histórico é singular. Assim, o primeiro procedimento da pesquisa é a escolha do objeto de estudo feita a partir de uma decisão do historiador carregada de subjetividade.

Nesse ponto, pode-se ver a presença de Heinrich Rickert no pensamento de Weber sobre a História. Ele advertiu que “se alguém se abstém de inquirir sobre a validade dos valores culturais que orientam a seleção dos dados históricos, a história só pode tratar como verdadeiro o que é puramente factual”. Por outro lado, “todos os conceitos históricos são válidos apenas por um tempo definido e isto significa que não são considerados como verdades de todo, pois não têm relação definida com o que tem validade absoluta ou intemporal” (RICKERT, 1962, p. 136). A partir daqui eles divergiam. Para Rickert, seguindo a tradição kantiana, os valores culturais são universais de modo que sua validade transcende o tempo e a cultura. Para Weber, os valores são produtos históricos e culturais, polissêmicos, contingentes e, muitas vezes, conflitantes entre si.

Weber concebe a cultura como “um segmento finito do decurso infinito e destituído de sentido próprio do mundo ao qual o pensamento conferiu um sentido e uma significação” (WEBER, 1991, p. 96). Na prática, se trata de compreender a realidade como uma dimensão infinita que só adquire sentido quando o homem lhe atribui algum. Sendo algo incomensurável, o recorte do objeto de estudo é, antes de tudo, a escolha de um fragmento retirado de um universo infinito, e o que torna esta seleção possível é a subjetividade do pesquisador cujo olhar coloca seu próprio interesse em perspectiva. A escolha do objeto é



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

feita com base nos interesses e valores subjetivos do observador. Portanto, o conhecimento da realidade começa como um conhecimento subordinado a determinado ponto de vista particular. Nesse momento, e só nesse momento, o conhecimento histórico é determinado pelos valores do historiador. Portanto, a “neutralidade axiológica” defendida por Weber operava para resguardar o material de pesquisa de leituras preconceituosas, anacrônicas e ideológicas.

Decorre disso que não se deve definir cientificamente a superioridade de um valor ou cultura sobre outra. A objetividade no trabalho intelectual requer autonomia dos juízos de valor. Conforme síntese do dicionário de Max Weber de Oxford, a postura científica no campo das ciências sociais e históricas requer isonomia no tratamento de diferentes culturas, de diferentes valores. “Ao mesmo tempo, deve-se explicitar que seus objetos de estudo estão conectados a valores de várias maneiras, o que Weber chamou de relação com valores” (TURNER, 2019, p. 598). Esta visão acerca da produção do conhecimento social e histórico necessitou muitas explicações de Weber, especialmente porque, vez ou outra, ela era interpretada como componente do Positivismo. Neste ponto, Weber cerrou fileiras com seus compatriotas Dilthey, Windelband e Rickert ao argumentar pela separação entre Ciências Humanas e Ciências Naturais. Stephen Turner nos lembra que o próprio Weber tentou evitar mal-entendidos em seu artigo fundamental sobre o assunto, “mas o conceito tornou-se sujeito a sérios mal-entendidos, em virtude de sua extensa discussão, seu papel periférico, porém importante, em disputas posteriores sobre o positivismo e sua aplicação em novos contextos” (TURNER, 2019, p. 598). Ao advertir a prática intelectual de apresentar ideias políticas como científicas (ou baseadas na ciência), Weber destacava que as ideias (inclusive aquelas encontradas no material de pesquisa) eram baseadas em valores.

É claro que propor neutralizar seus próprios valores para perceber e compreender os valores que informavam o objeto de estudo era uma coisa, e realizar esta proposição era outra coisa. Um exemplo. Desde seus primeiros estudos acerca da questão agrária na Alemanha Oriental, Weber percebeu que o comportamento, os costumes e os hábitos de grupos sociais e de classes eram ativamente definidos por forças psicológicas muitas vezes mais incisivas do que as forças econômicas e políticas. Assim, a luta entre a economia agrária dominada pelos Junkers e a nova economia capitalista na Alemanha era uma luta “não apenas de sistemas, mas também a luta de duas almas, duas mentalidades, dois conceitos diferentes de vida” (ANTONI, 1959, p. 149). A rápida transformação econômica da Alemanha patriarcal seria também uma transformação ética e psicológica. Weber chegou a esta conclusão pelo caminho da pesquisa. Outra coisa é o fato de ele ter assumido posição política de profunda crítica aos Junkers e ao mundo que eles representavam. De qualquer modo, à sua época ele parece ter sido um dos poucos que percebiam o precipício existente entre fatos e valores.

Seu aprendizado da historiografia grega antiga desde cedo o ajudou a desenvolver um método que permitisse fazer a distinção entre fatos e fantasias, o que Weber estendeu para a relação entre fatos e valores. Em uma via bastante movimentada do Historicismo alemão trafegavam historiadores que abordavam ideias e valores como objetos correspondentes a um tempo e cultura específicos, mas faziam isso obscurecendo ou dissolvendo conexões e fios que mantinham distintas experiências históricas ligadas entre si. Qualquer ideia de encadeamento, causalidade ou totalidade da história levaria senão a sua mistificação. Cabia historicizar a história para encontrar o que havia de específico no tempo e no espaço tornando



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

impossível qualquer comparação. Seríamos feitos do tempo passado, mas sem termos relação com a experiência histórica vivida pelos sujeitos que ocupam as páginas dos livros de História. Historiadores da Escola Prussiana de História flertaram com este ponto, caminhando na fronteira de um relativismo que, mais tarde, se denominaria de pensamento pós-moderno. Como observou George Iggers, o que preservou “Humboldt, Ranke e Dröysen de um relativismo radical foi sua firme crença de que a variedade colorida de normas e instituições não refletia um universo caótico. Antes, revelava os múltiplos aspectos de uma unidade fundamental e significativa que se desdobrava na história” (IGGERS, 1968, p. 127).

Diferente disso, Weber não cogitou explicar determinada realidade considerando a multiplicidade incontável das ações dos sujeitos tomados singularmente para compô-la. Para ele, um projeto de pesquisa que propusesse isso sequer estaria errado. Aliás, ele limitou o trabalho do sociólogo e do historiador ao estudo das relações de valor em culturas historicamente definidas e, ao mesmo tempo, negou a objetividade de estudos que tomassem como problema valores universais. No caso de Weber, esta compreensão decorria de antiga querela entre historicistas alemães e a visão (em parte iluminista) de que o homem teria uma natureza. Hobbes expôs uma vertente desta visão em um capítulo inteiro de seu “Leviatã” na tentativa de explicar a imperfeição humana a partir de suas “paixões” (emoções), e Weber a contestou argumentando através de seus trabalhos, principalmente em “Política como Vocação” (WEBER, 1977), que a natureza do homem era histórica e, exatamente por isso, as experiências do passado interessavam.

Weber exercitou este pressuposto teórico ao testar a conexão entre ética protestante (uma forma de pensar) e o capitalismo (um comportamento econômico). Repare que ele não extraiu as consequências culturais, psicológicas e econômicas desta ética diretamente dos registros de Lutero e de Calvino. Ele acompanhou o percurso do pensamento religioso opositor à época sem coligá-lo diretamente às práticas e aos valores que formavam o capitalismo moderno. Curiosamente, foi um marxista quem melhor explicou o método de Weber neste ponto sublinhando que o material de pesquisa que enlaçou ética religiosa e capitalismo havia sido retirado do exame sobre as várias seitas que se desenvolveram sob a inspiração indireta de Lutero e Calvino.

Edward Thompson observou que os modos de vida consuetudinários dos trabalhadores, antes e durante a revolução industrial na Inglaterra, opuseram resistência à racionalização do tempo de trabalho, o que Weber chamou de “a muralha do hábito”. Em suma, o absenteísmo, a indisciplina, o atraso, a lentidão etc. eram combatidos como defeitos do espírito que comprometiam a “graça da salvação”. Isto fazia de Deus o supervisor mais vigilante dos trabalhadores (THOMPSON, 1988, p. 231-249). Thompson compreendeu que a ética protestante apresentada por Weber em formato de um “tipo ideal” não considerava, empiricamente, apenas a documentação teológica de Lutero e de Calvino, recolhendo dela os traços que animariam o capitalismo, mas examinaria o asceticismo existente nas várias seitas protestantes certo de que a crença sobre a graça não seria assegurada pela força de nenhum sacramento, confissão ou boa ação realizada. Em “A Ética Protestante...” o elemento recortado por Weber foi o tipo específico de conduta resultante desta visão de mundo em que o indivíduo acreditava ser ele mesmo “o supervisor do estado da sua graça” (WEBER, 1989, p. 109). Portanto, nada era tão estranho para ele como tentar deduzir o capitalismo de determinada ética religiosa professada, mas não praticada.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Georg Iggers lembra que Weber estava interessado nas atitudes e formas de conduta, e não apenas em crenças religiosas (IGGERS, 1968, p. 165). Pode-se notar isso quando ele, em “A Ética Protestante...”, muda seu foco analítico da concepção calvinista da predestinação para as orientações cotidianas de seitas protestantes dos séculos XVII e XVIII, as mesmas estudadas por Thompson. Significa reconhecer que a força da ética religiosa que Weber procurava entender não se expressava diretamente da pauta protestante (as teses e comentários teológicos de Lutero e Calvino), mas das interpretações feitas por pregadores como Richard Baxter que exortavam, no âmbito da seita e de suas atividades realizadas pelos fieis, práticas e sentimentos religiosos em uma profundidade psicológica difícil de ser atingida por outras agremiações como os católicos, por exemplo. Este tipo de sensibilidade metodológica cultivada por Weber se caracteriza pela busca da experiência social nas fontes como parte essencial do contexto que as informam. Em grande medida, este método levado com talento possibilitou que “A Ética Protestante...” se tornasse uma das poucas grandes interpretações históricas que apresentaram um problema onde antes havia consenso universal ou um vazio. E para resolver esse problema ele havia desenvolvido um método de interpretação e análise (ANTONI, 1959, p. 147).

Por fim, venho argumentando que “A Ética Protestante...” é um livro de História e uma chave analítica para decifrar o processo de formação do capitalismo. A expectativa de Weber era que o estudo da história deveria fornecer aos indivíduos conhecimento e clareza para uma tomada de decisões mais consciente e uma atuação com autonomia e responsabilidade. Parece um ponto ainda bastante atual, mas a questão não é esta. Weber sabia e concordava que a história não era “o que realmente aconteceu”. À sua época, assim como hoje, a regra nesse campo do conhecimento se definia por métodos, resultados e avaliações diferentes acerca do mesmo tema. Nestes termos, “A Ética Protestante...” oferecia informações muito pessimistas, do quilate dos retratos expostos na obra de Marx. É neste ponto que devemos olhar para suas páginas finais, onde Weber encerra seu raciocínio sob o argumento de que não iria entrar no campo das crenças e dos juízos de valor. O que havia antes disso decorreria de seu trabalho científico.

Ao criticar o “espírito capitalista” ele descreveu “os últimos homens” daquele desenvolvimento cultural (ele se referiu a 1920) como “especialistas sem espírito, sensualistas sem coração”, indivíduos de alma empobrecida, cuja razão é irracional, adormecidos pelo desenvolvimento técnico e tecnológico, seres desumanizados. Weber dizia que o aporte do capitalismo era imposto pela racionalização da vida tornando os indivíduos interiormente impotentes, frágeis e privados de reação. Este indivíduo era típico, formado culturalmente pelo encontro do espírito de Benjamin Franklin e a ética protestante. A crença ascética deste último homem não era mais em Deus nem na graça da salvação, mas em si mesmo. Afinal, este homem havia se tornado um “santo autoconfiante” (WEBER, 1989, p. 77).

Considerações Finais

Quando Weber publicou seus primeiros trabalhos, a História no ensino superior e secundário da Alemanha cumpria o papel de instruir “espíritos cívicos”. Tratava-se de lidar com uma nação cujo passado (no singular), acontecimentos, heróis, tradições e folclore eram martelados para justificar o sentido dominante do presente. Talvez esta tenha sido a evidência



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

mais saliente de que o Historicismo carregava consigo fortes traços do Positivismo oitocentista. Weber discordava que a História fosse instrumentalizada desta forma. Para ele, a História deveria “informar” mais do “formar”, embora o segundo verbo estivesse contido no primeiro. Acredito que este ainda seja um problema atual para o debate.

Por outro lado, o que existe de “histórico” na História torna titubeante uma parte importante do seu pensamento. Se é verdade que o tipo de ação racional identificado por ele em seus estudos é produto da modernidade, do capitalismo moderno, também é verdadeiro que a finalidade econômica que organiza tal tipo de ação, dando-lhe conteúdo e forma racional, é ela mesma sublimada, simbolizada, um simulacro da realidade. Nas palavras de Colliot-Thélène, “é ela também que gera o capitalismo e a burocracia, ou seja, esses poderes do ‘devir’ que constituem progressivamente o ‘cárcere de ferro’, no qual virão morrer os últimos restos do humanismo racionalista” (COLLIOT-THÉLÈNE, 1990, p. 94). Este também continua sendo um problema atual.

Talvez o temperamento pessimista que muitos de seus leitores lhe atribuem ajude a entender esta ambiguidade. De fato, como notou John Diggins, “a visão de Weber sobre história, religião, sociedade e política contém várias dimensões da tragédia”. Uma delas, concebe “a história como o movimento do poder e a sucessão de forças que buscam tomar posse dele, (...) um movimento inexorável que deve ser combatido enquanto a liberdade consegue rivalizar com o destino” (DIGGINS, 1996, p. 10). Esta frase pode traduzir a esperança que habitava Weber, mas não relativiza seu pessimismo histórico estampado na percepção de que o capitalismo correspondia ao “triunfo inevitável do espírito ‘objetivo’ sobre o ‘subjetivo’, ou seja, das criações do homem sobre o homem criador” (MITZMAN, 2005, p. 176).

Seus estudos, especialmente “A Ética Protestante...”, eram também representação de sua luta interna contra a prostração física e mental, contra um tipo de sofrimento que a Biografia escrita por Marianne Weber indica não ter sido decifrado. Para os historiadores, algumas lições apreendidas no contexto do século XIX ainda têm utilidade. A subjetividade no conhecimento histórico é uma delas. Devemos evitar que ela subverta as evidências tanto quanto devemos nos servir dela para nutrir a prática da interrogação. Não à toa, ele encerrou sua palestra “Ciência como Vocação”, apresentada na Universidade de Munique, em 1917, estabelecendo o que havia de específico nas disciplinas como História e na paixão política. “Nada se fez até agora com base apenas no fervor e na espera. É preciso agir de outro modo, entregar-se ao trabalho e responder às exigências de cada dia. (...) Esse trabalho será simples e fácil, se cada qual encontrar e obedecer ao demônio que tece as teias da sua vida” (WEBER, 1977, p. 55).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONI, Carlo. *From History to Sociology*. The Transition in German Historical Thinking. Detroit: Wayne State University Press, 1959.
- ASSIS, Arthur A. *What is History for?* Johann Gustav Droysen and the Functions of Historiography. New York: Berghahn Books, 2014.
- BRODY, David. *The Butcher Workmen: A study of unionization*. Cambridge: Harvard University Press, 1964.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

- COHN, Gabriel. *Weber*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. *Max Weber e a História*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- DIGGINS, J.P. *Max Weber*. Politics and the Spirit of Tragedy. New York: Basic Books, 1996.
- FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense, 1993.
- GAY, Peter. *O Estilo na História*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- IGGERS, Georg G. *The German Conception of History*. The National Tradition of Historical Thought from Herder to the Present. Middletown: Wesleyan University Press, 1968.
- KEY, S.; TOLLEBEEK, Jo. *Henri Pirenne, Historian: A life in pictures*. Leuven: Leuven University Press, 2011.
- LANGLOIS, C.V.; SEIGNOBOS, C. *Introdução aos Estudos Históricos*. São Paulo: Editora Renascença, 1946.
- LÖWITH, Karl. *Max Weber and Karl Marx*. New York: Routledge, 2003.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MATA, Sérgio da. Anos de aprendizagem de um jurista formado “numa perspectiva histórica”: Max Weber e o historicismo. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 4, n. 6, p. 64-80, 2011.
- MARX, Karl. Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In *A Questão Judaica*. São Paulo: Editora Moraes, 1982.
- MITZMAN, Arthur. *The Iron Cage*. An Historical Interpretation of Max Weber. New Brunswick: Transaction Books, 2005.
- PARSONS, Talcott. *The Structure of Social Action*. A Study in Social Theory with Special Reference to a Group of Recent European Writers. New York: The Free Press, 1974.
- RADKAU, Joachim. *Max Weber*. A Biography. Malden: Polity Press, 2009.
- RANKE, L.V. *Pueblos y Estados en la Historia Moderna*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1948.
- REHMAN, Jan. *Modernisation as Passive Revolution: a Gramscian Analysis*. Boston: Brill, 2013.
- RICKERT, Heinrich. *Science and History*. A Critique of Positivist Epistemology. New York: D. Van Nostrand Company, Inc., 1962.
- RINGER, Fritz. *Max Weber's Methodology the Unification of Cultural and Social Sciences*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- SCAFF, Lawrence. *Fleeing the Iron Cage: culture, politics, and modernity in the thought of Max Weber*. Berkeley: University of California Press, 1989.
- SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- SHAKESPEARE, William. *O Mercador de Veneza*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- STRAZZERI, Victor. *The Young Max Weber and German Social Democracy. 'Labour Question' and the Genesis of Social Theory in Imperial Germany (1884-1899)*. Boston: Brill, 2022.
- SWEDBERG, R.; AGEVALL, O. *The Max Weber Dictionary*. Key Words and Central Concepts. Stanford: Stanford University Press, 2016.
- THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. v.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- TURNER, Stephen P. Causation, Value Judgments. In HANKE, Edith et al. (Eds.). *The Oxford Handbook of Max Weber*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 585-607.
- WEBER, Marianne. *Biografia de Max Weber*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- WEBER, Max. *The History of Commercial Partnerships in the Middle Ages*. Boston: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.
- WEBER, Max. *Historia Agraria Romana*. Madrid: Ediciones Akal, 2008.
- WEBER, Max. Capitalismo e Sociedade Rural na Alemanha. In *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982, pp. 413-437.
- WEBER, Max. *The City*. Glencoe: The Free Press, 1958.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2022.

WEBER, Max. A “Objetividade” do Conhecimento nas Ciências Sociais. In *Weber*. São Paulo: Ática, 1991.

WEBER, Max. *Ciência e Política como Vocações*. São Paulo: Cultrix, 1977.

Notas de autoria

Antônio de Pádua Bosi é Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor nos cursos de História e Psicologia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Pesquisador do CNPq (PQ2). E-mail para contato: antonio_bosi@hotmail.com

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

BOSI, Antonio de Pádua. Max Weber, Historiador. *Saeculum – Revista de História*, v. 31, [p. 01-19], 2026.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 05/03/2026

Aceito em 08/06/2026



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)